

TARA HYLAND

O PESO DA FAMA

Tradução de Isabel Alves

Prólogo

São Francisco, dezembro de 1958

A irmã Marie apressou-se pelo corredor escuro, tão depressa quanto as pernas pequenas e gordas lhe permitiam. Se bem que nunca o admitisse às outras freiras, sentia muitas vezes medo à noite nos claustros. Aquela noite, porém, era pior do que qualquer outra. Momentos antes, uma tempestade havia cortado a eletricidade e a chama da sua vela projetava silhuetas fantasmagóricas nas paredes de pedra, como se demónios sombrios lhe flanqueassem o caminho, aguardando o momento em que ela passaria.

– O Senhor é o meu pastor, nada me faltará – murmurou entre dentes, tentando retirar conforto das palavras. – Leva-me a descansar em verdes prados.

Continuou a recitar o salmo, tiritando agora de frio e não de medo. Nem o hábito de lã a agasalhava o suficiente naquela época do ano. Na semana anterior, pouco antes do Dia de Ação de Graças, o tempo mudara. O sol frio e luminoso punha-se agora mais cedo e o implacável nevoeiro de São Francisco levantava-se do mar, encobrendo os espessos pilares da Golden Gate Bridge antes de avançar para terra, entrando-se na cidade e estendendo os seus tentáculos até ali, ao Orfanato das Irmãs da Caridade, no topo de Telegraph Hill. Por vezes, acordada na sua cela de dois metros e meio por três, a irmã Marie imaginava o nevoeiro a infiltrar-se pelos buracos das fechaduras e por baixo

das portas, como algo saído daqueles filmes de terror que o irmão mais novo gostava de ver.

Para com isso, disse a si mesma. Fora aquela imaginação excessivamente fértil que levava a abadessa do último convento onde estivera a sugerir que talvez ela não fosse talhada para a vida num convento. No entanto, embora tivesse experimentado dificuldades enquanto postulante – um período de seis meses para determinar se devia ou não tomar o véu –, a irmã Marie recusara-se a desistir e fora por fim aceite para prosseguir o noviciado – a iniciação necessária a professar –, mas na condição de abandonar a Ordem Fechada. A transferência para o orfanato parecera-lhe a melhor opção. Adorava crianças e sempre soubera que o aspeto da vida secular a que mais lhe custaria renunciar seria a maternidade. Agora, não teria de o fazer.

O orfanato fora fundado pelas Irmãs da Caridade no século XIX, financiado com donativos dos católicos das classes abastadas da cidade. Atualmente, noventa e sete crianças viviam aos cuidados da instituição – e naquela noite esperava-se que mais uma se juntasse a esse número. Ao final da tarde, quando as freiras se preparavam para recolher às suas celas, tinham recebido uma chamada a perguntar se havia lugar para mais uma criança. Era um bebé, aparentemente recém-nascido, com poucos dias de vida. Não se sabiam mais pormenores: nem o sexo, nem a razão por que ali o deixavam. Era muito estranho.

A irmã Marie fora destacada para fazer companhia à Madre Superiora enquanto esta esperava pela criança. Mas as horas foram-se arrastando, enchendo-a de tédio. Cansada da sua irrequietude, a Madre Superiora acabara por a incumbir de preparar uma ceia para ambas. Ter de descer às cozinhas à noite, naquele edifício fantasmagórico, já fora suficientemente mau. Agora, na viagem de regresso, a irmã Marie avançava lentamente, pois levava um tabuleiro com duas chávenas de cacau e um prato com fatias de pão com manteiga e compota. Teria continuado assim se uma rajada de vento não tivesse varrido o corredor nesse momento, apagando a vela que trazia e mergulhando os claustros na escuridão. Com um gritinho de medo, a irmã Marie largou o tabuleiro, o estrondo do metal e da louça no chão ecoando no amplo espaço e fazendo-a correr os últimos cem metros até ao gabinete da Madre Superiora.

Irrompeu pela porta dentro sem bater.

– Reverenda Madre – disse, ofegante, mal conseguindo articular as palavras –, não imagina o que aconteceu... – Sem parar para tomar

fôlego, lançou-se numa explicação da sua aventura. Só quando começou a acalmar-se é que registou plenamente a cena: a Madre Superiora estava a rezar de joelhos, agarrada a um rosário. – Oh, meu Deus! – Levou uma mão aflita ao peito. – Interrompi-a! Peço desculpa. Sinto muito o que aconteceu à ceia.

– Chega de desculpas, minha filha – disse a Madre Superiora, num tom de voz baixo e calmo. – Não preciso de alimento. Mas, de futuro, talvez possas entrar de modo menos dramático. O meu velho coração não aguenta tamanho alvoroço.

Os olhos remelosos deixavam transparecer algum divertimento: a noviça era conhecida em toda a Ordem pela sua propensão para o drama. Apoiando-se à secretária, a velha freira levantou-se a custo e encolheu-se de dor.

– Está a sentir-se bem, Madre? – A irmã Marie correu a ampará-la.

– Não é nada – disse, dispensando a noviça com um gesto. – Este frio não é nada bom para a minha artrite. – Sentou-se lenta e dolorosamente na cadeira de madeira, apontando para o assento à sua frente. – Senta-te, filha. Receio que ainda tenhamos muito que esperar.

Baixando a cabeça, a Madre Superiora caiu num silêncio contemplativo. A irmã Marie abriu a boca para falar e voltou a fechá-la, sabendo que devia resistir ao impulso. Era mais um aspeto com o qual tinha dificuldade em lidar: falar apenas quando tivesse algo de importante a dizer. Uma tagarela nata, aqueles longos períodos de silêncio iam contra a sua natureza. À Madre Superiora não lhe custava nada, pensou com inveja. Possuía uma calma e uma serenidade que a noviça sabia jamais vir a alcançar, por mais anos que ali estivesse.

À fraca luz da vela, estudou o rosto enrugado, frágil como papel crepe, da Madre Superiora. Tinha agora setenta e muitos anos e ainda era forte. Falava pouco de si, embora corresse o boato de uma década passada nas Missões em África, uma estada prematuramente interrompida depois de ter contraído uma doença que lhe enfraqueceu o coração. No entanto, apesar da sua fragilidade física, ainda possuía uma tremenda força interior.

A irmã Marie pressentia que, tal como a abadessa do último convento, a Madre Superiora acalentava dúvidas sobre a sua aptidão para tomar o véu. Secretamente, também ela as acalentava. A vida de freira era muito mais dura do que imaginara: a cela minúscula, parcamente mobilada com uma cama de madeira, uma escrivaninha e uma cómoda,

levantar-se todas as manhãs às 5h30 para ir rezar durante uma hora na capela. Todavia, embora a Madre Superiora tivesse o poder de mandar embora uma noviça a qualquer altura, a irmã Marie acreditava que, em última instância, a decisão lhe cabia apenas a si e a Madre Superiora era uma dessas raras pessoas que não teciam juízos e acreditavam sinceramente nas palavras: «Quem nunca tiver pecado que lance a primeira pedra.»

As duas mulheres permaneceram sentadas em silêncio. A irmã Marie esforçava-se por não se mexer, ora desejando que os visitantes chegassem para poder ir deitar-se, ora sentindo-se culpada por tal pensamento lhe passar pela cabeça. Ao fim de algum tempo, acabou por adormecer na cadeira, e o som de um carro a parar na rua despertou-a com um sobressalto.

– Devem ser eles – disse, levantando-se de um salto, incapaz de esconder o alívio na voz.

Um momento depois, a campainha tocou, confirmando que não se enganara. Só então é que a Madre Superiora se levantou.

Quem tocara à campainha, refugiara-se no calor do automóvel, um *Lincoln Capri* preto e reluzente, o último modelo do ano, 1958. O facto de ser um carro topo de gama surpreendeu a irmã Marie. Habitualmente, quando um recém-nascido chegava ao orfanato, a mãe era uma rapariga solteira que se metera em sarilhos e o bebé era deixado à porta. Aquela situação, porém, parecia bastante diferente. A irmã Marie questionou-se se a Madre Superiora estaria a par dos pormenores; infelizmente, mesmo que fosse esse o caso, era pouco provável que os revelasse a uma noviça faladora como ela.

Observou com indisfarçável curiosidade o condutor a appear-se do carro. Era um homem alto e distinto, de quarenta e muitos anos, com cabelo e olhos escuros e um casaco de caxemira azul-marinho que devia ter custado mais do que a alimentação do orfanato para um ano. Tinha a gola levantada, como se quisesse disfarçar a sua identidade – ou talvez não passasse mais uma vez da sua imaginação fértil. Contornando o carro, o homem abriu a porta traseira e estendeu o braço como que para retirar uma mala. Do sítio onde se encontrava, nos degraus de pedra da entrada, a irmã Marie não conseguia ver o interior do veículo, mas pareceu-lhe ouvir uma mulher a chorar. Talvez estivesse enganada e fosse o recém-nascido, porque, um momento depois, o homem emergiu com uma pequena trouxa de cobertores que logo irrompeu numa gritaria.

Sem fazer qualquer tentativa para calar a criança, atravessou o caminho em direção à Madre Superiora. O seu rosto era inexpressivo e não disse uma palavra, o que levou a irmã Marie a presumir que todas as informações relevantes haviam sido comunicadas antes pelo telefone. A Madre Superiora recebeu a criança e afastou o cobertor para espreitar o bebê. Assim que o viu, franziu a testa, como se alguma coisa não estivesse bem, mas logo a sua expressão se suavizou.

– Que Deus te ame – murmurou ternamente a Madre Superiora. Retomada a compostura, levantou os olhos para o homem e disse: – Pode ficar descansado que a criança será educada como uma boa cristã.

O homem acenou com a cabeça e dirigiu-se novamente para o carro.

A irmã Marie seguiu a velha freira para o interior do convento. Ainda não vira o bebê, mas pressentia que havia algo de errado com a criança. Fosse o que fosse, bastara para abalar a imperturbável Madre Superiora. E essa certeza transtornava-a mais do que qualquer outra coisa.